

O vampirismo na obra de Edgar Allan Poe

Moacir Barbosa de Sousa¹

Resumo

O vampirismo é um dos inúmeros mitos do espírito humano. Este trabalho não pretende provar que o fenômeno existe ou não existe, mas demonstrar que ele está presente na tradição popular da literatura, como em Poe, no cinema, e em certos ramos da ciência, como psicologia e parapsicologia. Edgar Allan Poe não escreveu uma verdadeira história sobre vampiros, porém criou personagens com um relacionamento doentio que se enquadram nas histórias de vampirismo. A expressão **vampirismo** neste trabalho deve ser tomada no sentido figurado, não se referindo, por exemplo, ao Conde Drácula com caninos pontiagudos sugando o sangue de suas vítimas, mas a um relacionamento mórbido entre pessoas. A psicologia menciona *simbiose* como um relacionamento doentio entre duas personalidades, uma masoquista e outra sádica, no qual uma perde a vontade própria e torna-se dependente da outra. A esta altura, o vampirismo não é um assunto banal, uma lenda, mas um relacionamento entre personalidades doentias.

Palavras-chave: Psicologia. Literatura. Vampiros

Origens do mito

O vampirismo é um dos inúmeros mitos da humanidade, mais antigo do que parece, remontando aos tempos em que os deuses tomavam as mais diversas formas e passeavam pela terra. Definição enciclopédica da palavra determina que vampiro seja uma pessoa de natureza maligna e repugnante; alguém que aflige cruelmente os outros; um vil e cruel extorquidor ou usurário.

Ao explicar a origem do Homem, o *Talmude*, no século 6 a.C. menciona Lilith como a primeira mulher de Adão. Um texto hebraico diz: *Porque antes de Eva foi Lilith*. Esta teve com Adão muitos filhos, formosos e belos chamados lilin. Feita do mesmo barro que moldou Adão, Lilith não se deixou subjugar por ele durante o primeiro ato sexual, levando-o a se sentir repellido e desejoso de outra companheira. Quando a situação ficou insustentável, ela fugiu para o Mar Vermelho, o lar dos

¹ Professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

espíritos malignos. Deus enviou três de seus anjos - Senoy, Sansenoy e Semangelof - para trazê-la de volta, mas Lilith se recusou para não continuar com a situação anterior. A fuga, então, resultou na sua expulsão do convívio com Adão.

Revoltada com Deus, ela refugiou-se nos pântanos, de onde saía furtivamente para, por vingança, sugar o sangue dos filhos que Adão teve com Eva, sua nova companheira. Neste sentido particular, toda a humanidade hoje ainda seria vítima da Lilith-demônio porque descende de Adão e Eva. O ato do nascimento teria a ver com essa tradição: o *lamiai*, um vampiro grego dos mais antigos, atacava bebês na hora do parto. Seria Lâmia², que após a perda dos filhos, vingou-se de toda a raça humana atacando as crianças e sugando-lhes o sangue. Como era uma bela mulher, Lâmia desencadeou seu ódio principalmente contra os homens. Passou a ser considerada um vampiro, pois tinha poderes sobre os bebês e os homens que dormem sozinhos. Para escapar de sua maldição, as mulheres grávidas protegem suas crianças mesmo antes do parto com uma medalha gravada com os nomes dos três anjos do Senhor.

Lilith, o demônio-mulher, é descrita como possuidora de um corpo pleno de sexualidade, cuja boca e órgão sexual exalam odores de prazer. De acordo com a tradição oral judaica, as pessoas que sonham com Lilith adoecem de profunda melancolia; retornando dos braços do demônio, apresentam-se anêmicas, em estado de quase síncope. Debatendo-se em vão, a vítima grita e procura fugir dos seus braços, porém a atração sexual é maior. Uma das mais famosas figuras do folclore hebreu, Lilith faz parte de um grupo de espíritos malignos identificados com a noite. Atacava as pessoas ora como íncubo ora como súcubo e fazia com que as mulheres que tentassem ter crianças sofressem aborto ou se tornassem estéreis. Seu nome em hebraico *Layil* significa noite. Na simbologia popular é materializada como uma mulher alta e silenciosa, de longos cabelos negros. É também representada ora como uma prostituta de seios secos, que não podia ter filhos, ora como uma linda jovem com pés de coruja, o que identificava sua vida notívaga. É uma ninfa vampiro da curiosidade, que a seu bel-prazer arranca ou recoloca os olhos, e que dá aos filhos do homem o leite venenoso dos sonhos. Conhecida também como Lua Negra é comparada à sombra do inconsciente, aos impulsos obscuros. Devora os recém-nascidos, consumida ela própria pelo ciúme.

² Na mitologia, Lâmia era um demônio que foi rainha da Líbia amada por Zeus; quando Hera descobriu mais essa traição do marido, matou os filhos oriundos da união. Revoltada, Lâmia passou a matar cada criança ao seu alcance. Sob a forma de uma atraente mulher, seduzia os jovens e depois os devorava. O poeta inglês John Keats inspirou-se nela para escrever em 1820 o poema *Lamia*..

Roberto Sicuteri em *Lilith, a lua negra* (1986, p.49) confirma:

Como os íncubos sugam os fluidos vitais levando a vítima à consumação, também os vampiros, freqüentemente, pousam sobre o peito da vítima sufocando-a. A Lilith hebraica, que Johannes Wejer chamou princesa dos súcubos, descende da babilônica Lilitu, conhecido vampiro.

Na tradição cabalística, Lilith foi criada antes de Eva, ao mesmo tempo em que Adão, não de uma costela de homem, mas ela também diretamente da terra. Ela se tornará instigadora de grandes conflitos, amores ilegítimos e a perturbadora de leitos conjugais. Representará, ademais, a mulher desdenhada ou abandonada por causa de outra, os ódios contra a família, o ódio aos casais e filhos.

Laços estreitos a unem à serpente como lembranças de um culto muito antigo que honrava uma Grande Deusa, ou Grande Mãe, ou Grande Serpente - potência cósmica do Eterno Feminino adorada sob o nome de Astartéia, Ishtar, Innana etc. No Zohar, o mais influente texto hassídico, aparecendo como súcubo, acreditava-se que Lilith estava junto às crianças que riam dormindo e daí o perigo de morrerem em suas mãos.

Durante a Idade Média suas histórias se multiplicaram. Era identificada, por exemplo, como uma das duas mulheres que foram ao rei Salomão para que ele decidisse qual das duas era a mãe verdadeira da criança que ambas reivindicavam. Uma forte crença em sua presença foi encontrada entre os elementos mais conservadores da comunidade judaica do século XIX.

Chamada por muitos de Rainha do Mal e Mãe dos Espíritos Malignos, Lilith é representante de um ser que aparece na maioria das culturas. As mais antigas, além dela mesma, incluem a lâmia grega, a langsuyar malaia e também a loogaroo, a sukuyan e a asema, vampiras da área do Caribe. Cada uma dessas figuras vampíricas aponta para a origem do vampirismo como um mito explicando os problemas ocorridos no parto. A história da langsuyar, por exemplo, conta sobre uma mulher que dá à luz uma criança morta. Perturbada, voava para as árvores e vez por outra se tornava a praga das mulheres grávidas e de suas crianças.

Cada uma, entretanto, evoluiu de forma diferente e, em algum ponto, assumiram as características de uma linda e sedutora jovem que atraía os homens para sugar-lhes a vida. Moravam incógnitas nas comunidades levando uma vida aparentemente normal durante o dia, mas operando como vampiras à noite. Um dos relatos mais famosos de

uma lâmia é o de Philostratus, em seu *The life of Apollonius*. Na história, Menipo, um dos discípulos de Apolônio, é atraído ao casamento por uma linda e rica jovem, mas salvo pelo sábio mestre, escapou na verdade de uma verdadeira vampira.

À medida que a história do vampiro se tornava mais relacionada ao fenômeno da morte de um ente querido, ao contrário de estar simplesmente associada aos problemas de parto ou aos problemas de homens errantes, prontos para serem seduzidos, e ao lado das modificações das sociedades que passavam de matriarcais para patriarcais, a vampira deu lugar à figura do vampiro masculino. Além de mencionada no Antigo Testamento, outro texto onde aparece o mito é a Cabala, do século XV, onde Lilith une-se a Sammael. A literatura interessa-se pela Lilith revoltada, que, na afirmação de seu direito à liberdade e ao prazer, à igualdade em relação ao homem, perderia a si própria, assim como perde aqueles que encontra.

O mito de Lilith tinha as funções de afastar dela os homens, alertando-os do perigo que representava para eles e alertar as mulheres: aquela que não seguisse a lei de Adão seria rejeitada, eternamente insatisfeita e fonte de infelicidade. Dessa maneira, rejeitada pela sociedade dos homens, fazia-se conhecer, se necessário for, pelo mal que espalhava.

Os termos **íncubos** (demônios machos) e **súcubos** (demônios fêmeas) foram criados por Paracelso, que os define como criaturas parasitárias que sobrevivem através dos maus pensamentos e emoções refletidas no corpo astral das pessoas. O macho era conhecido pelo hábito de invadir os aposentos de uma mulher à noite, deitar-se sobre ela e forçá-la a fazer sexo. A fêmea ataca o homem da mesma forma. As freiras seriam um alvo preferencial dos *incubi*, pois os demônios teriam prazer em aterrorizar aqueles que haviam escolhido a vida religiosa.

Íncubos e súcubos são larvas que freqüentam locais onde ocorrem excessos (antros de toxicômanos, bordéis e lugares congêneres). Com freqüência, as pessoas que circulam por esses locais entram em sintonia com esses demônios. Monstros e outras deformidades vistas pelos que se embriagam e consomem drogas são exemplos de seres visíveis apenas por aqueles que os atraem. Tomás de Aquino na *Summa Theologica* conta que os íncubos e súcubos podem fecundar tendo ainda a capacidade de se transformar de íncubo para súcubo e vice-versa. O súcubo colheria o esperma masculino e na forma de incubo fecundaria uma mulher. O psicoterapeuta freudiano Ernest Jones afirma que, de acordo com experiências descritas na moderna literatura, a possessão por

um desses demônios oscilaria entre o sonho erótico e o pesadelo. Ele uniu a questão dos íncubos e súcubos ao vampirismo e a definiu como expressão de sentimentos sexuais reprimidos. Havia uma crença na Grécia antiga de que o diabo sairia em ronda noturna por aldeias e vales, passando pelas habitações e chamando as pessoas pelo nome. Aquelas que respondessem morreriam brevemente e se tornariam vampiros. Reza a tradição do mito que o Papa Silvestre II manteria um caso com um súcubo.

A origem do fenômeno remonta à prática antiga da **incubação**, aonde uma pessoa ia ao templo de uma divindade e no decurso de uma noite teria contato com ela envolvendo a prática de relações sexuais com sacerdotes. Esculápio, o deus da cura, era especialista na cura da esterilidade utilizando a prática sexual como terapia. O cristianismo equiparou essas divindades a seres demoníacos. Os líderes religiosos do século XV ligaram a atividade dos íncubos e súcubos à bruxaria. Uma organização dedicada à caça às bruxas ficou famosa durante a Inquisição: o *Malleus Maleficarum* (Martelo das Bruxas).

A literatura do mito

O vampirologista Dom Augustin Calmet escreveu o livro *Dissertation sur les Apparitions des Anges, des Démons et des Esprits, et sur les Revenants et Vampires de Hongrie, de Bohême, de Moravie et de Silésie*, onde afirmava que o diabo se apossava do corpo de um morto para práticas vampirescas. Relata, ainda, que era comum pessoas mortas há muito tempo aparecerem em festas, ocasionando a morte de outras pessoas. A Igreja Católica usava a excomunhão como forma de libertar o corpo de uma possessão demoníaca. Torrigo, na obra *Vampiros* (1998, p. 118) afirma que a excomunhão seria responsável pelo aumento do número de casos de vampirismo, surgindo a idéia de que, causando o mal, curiosamente, a própria Igreja viria depois *salvar a comunidade*. A Igreja preocupou-se muito com a violação de cadáveres, pois, acreditando na ressurreição, achava que os corpos estariam à espera de uma nova oportunidade na terra.

Nos primórdios do mito, diversos fatores ajudaram a sua disseminação e aumentou a credibilidade, como a Peste que devastou a Europa durante anos e foi responsável pelo sepultamento prematuro das pessoas, tal era a pressa da população em se ver livre das vítimas da praga. Edgar Allan Poe e outros escritores fizeram do enterro prematuro (nos casos de catalepsia) o tema de seus contos macabros. Citam-se ainda as

mortes aparentes, profanação de tumbas, execuções incompletas, desaparecimento de pessoas, roubo de cadáveres para estudos de anatomia e tratamentos médicos equivocados. Na antiga Grécia era costume vigiar o cadáver durante toda à noite, antes do sepultamento, para prevenir que espíritos do mal se apossassem do corpo. Os gatos têm a fama de serem feiticeiros disfarçados. Se um gato pulasse sobre o ataúde, acreditavam que o morto se tornaria um vampiro. No século XVII, na Europa, não se deixava um gato se aproximar de um cadáver, pois se acreditava que ele levaria a alma do morto. Em 1566, na Inglaterra, um gato branco de nome **Satã** foi julgado e queimado vivo, sob a acusação de ter sugado o sangue da dona. A mitologia japonesa dizia que os gatos vampiros possuíam duas caudas.

Doenças como câncer e anemia eram quase desconhecidas no século XVI; quando uma pessoa começava a empalidecer, sem febre ou outra razão aparente, supunha-se que sua Força Vital estivesse sendo sugada por um vampiro. Naqueles tempos não se conheciam os detalhes dos grupos sanguíneos nem o fator Rh. Sendo a anemia uma doença do sangue, ela logo se tornou associada ao vampirismo. É causada pela redução das células vermelhas ou hemoglobina e os sintomas incluem palidez, fadiga e até desmaios. O fato começou a ser descartado a partir da publicação de *Dracula*, de Bram Stoker; na obra, o Dr. John Seward escreve ao Dr. Van Helsing, o caçador de vampiros, nos seguintes termos acerca de Lucy Westenra (*Dracula*, Bram Stoker, cap. IX):

Verifiquei logo que está com pouco sangue, mas não encontrei os usuais sintomas de anemia; casualmente, pude examinar a qualidade de seu sangue, pois ao abrir uma janela endurecida, um estilete cedeu, e ela cortou ligeiramente a mão no vidro partido. Foi um fato insignificante, mas permitiu-me guardar algumas gotas de sangue que mandei analisar. A análise qualitativa demonstrou normalidade e até bom estado de saúde. [...] houve muita perda de sangue; houve, mas não há mais. Suas condições, todavia, não são de nenhuma forma anêmicas.

Um dos mais famosos casos de vampirismo do século XVIII ocorreu em Meduegna, perto de Belgrado. O fato está narrado nos grossos volumes que compõem *The Vampires in Europe and the the vampire: his kith and kin*, escritos pelo Doutor Montague Sommers. Ele relata o caso de uma moça de 20 anos chamada Stana que, ao “morrer” após complicações de parto, confessou ter tido relações com um vampiro e ter sido aspergida com o sangue dele para se livrar das perseguições vampirescas de que era

vítima. Ela e o filho foram sepultados juntos, porém logo depois começaram a acontecer casos estranhos nas redondezas da cidade, como o aparecimento de animais mutilados e morte de mendigos com o pescoço estraçalhado. Lembrando-se da confissão de Stana, as autoridades providenciaram a exumação dos corpos para a realização de um exorcismo. Viram, então, o cadáver da criança devorado por lobos, mas a moça apresentava o ventre cheio de sangue fresco, e as vísceras, ao serem examinadas, estavam em boas condições; pele e unhas também estavam saudáveis; os fatos extraordinários cessaram depois da cremação dos cadáveres.

Na França, registrou-se que certo sargento Carlan teve uma síncope durante exercícios militares e foi dado como morto. Como ninguém reclamou o cadáver, este foi doado a uma Faculdade de Medicina. Durante uma aula de anatomia, o militar acordou gritando e levantou-se da mesa de pedra – infelizmente, após ter o braço esquerdo amputado pelos alunos para estudo. No século XIX, na Alemanha, um homem chamado Sorgel matou uma pessoa na floresta e bebeu seu sangue na tentativa de se curar de epilepsia – foi preso e terminou os dias num asilo. Em 1924, foi preso e executado na Alemanha Fritz Haarmann, nascido em 1879. No julgamento confessou ter matado e canibalizado mais de vinte pessoas. Peter Kuerten, outro alemão contemporâneo de Haarmann, foi autor de uma série de crimes de violação de túmulos e mutilação dos cadáveres. Em 1929 matou nove pessoas, a maioria moças, e bebeu o sangue das vítimas, tendo ficado doente após a grande quantidade de sangue que ingeriu. Foi detido em 1930 e executado no ano seguinte.

Em junho de 1970, na Califórnia, Estados Unidos, a polícia prendeu dois homens acusados de culto a Satã. Stanley Baker e Harry Stroup foram julgados pela morte de James Schlosser e condenados à prisão perpétua. Baker confessou ter atirado na cabeça da vítima, cortado o corpo em pedaços e comido o coração. Disse ainda que tinha criado um poderoso amuleto de carne humana, com superpoderes. Durante o verão de 1988, no bairro de Soho, em Londres, uma mulher desconhecida convidou seis homens em diferentes ocasiões para sua casa. Depois de colocar barbitúricos na bebida e os deixar inconscientes, cortava os pulsos das vítimas e chupava o sangue. Apesar dos esforços da famosa Scotland Yard, a mulher nunca foi presa. Por volta do século VI, surgiram invocações em escritos indianos relativos à deusa Kali, considerada uma das mais importantes divindades da mitologia da Índia. Era descrita com presas e a cabeça

ornada por uma guirlanda de cadáveres e entre outras características, era famosa pela sede de sangue

Ao longo dos anos, o termo *vampiro* tomou diversas acepções. Na década de 1920, por exemplo, reduzido para *vamp*, era empregado para designar aventureiras que sugavam os bens materiais de indefesos milionários; em Hollywood, atrizes da era de ouro do cinema buscavam o sucesso pela destruição dos outros. Tudo começou com Theda Bara, uma atriz que usou seu nome com um anagrama **Arab Death**, (morte árabe), deixando-se fotografar entre ossos e crânios para avisar às vítimas as suas intenções. Durante as filmagens de *The Devil's Daughter*, ganhou no set o apelido de **vamp**. O fato chegou à imprensa que passou a referir-se à atriz pelo apelido, chegando a sugerir, num truque de propaganda, que Theda Bara seria a reencarnação de Elizabeth Bathory ou Lucrecia Bórgia. Um de seus trabalhos, *Sin* (Pecado), da Fox, teve como chamadas publicitárias a frase **Pecado com Theda Bara**. O filme chegou a ser proibido em vários estados norte-americanos. Depois de alguns filmes de sucesso de crítica e bilheteria, sua carreira decaiu. Em 1926 ela abandonou o cinema, passando a morar numa casa em Beverly Hills, até sua morte em Hollywood em 1955.

Em 1679, Michael Ranft publicou na Alemanha *De Masticatione Mortuorum in Tumulis*, onde afirmava que certos mortos devoravam as próprias vestes e o corpo. Por isso, era costume colocar areia na boca dos defuntos para evitar a mastigação. A obra de Ranft tem um sentido especial na história do vampirismo, porque pela primeira vez foram usadas as palavras **Nosferatu** (morto-vivo) e **Vampiro**, embora ele não escrevesse, necessariamente, uma história de vampiros. Esta última palavra possivelmente tem origem eslava e ocorre em muitos países do Leste Europeu, vindo pelo ramo húngaro. Na região, a expressão *nosferatu* foi usada com a acepção de *vampiro*, ou um **morto-vivo** que passava a existência sugando o sangue dos outros.

O vampiro entrou na literatura como ficção pela primeira vez com John William Polidori; *The Vampire, a Tale by the Right Honourable Lord Byron* foi publicado em *The New Monthly Magazine*, Londres e traduzida para o francês por Henri Faber, sob o título *Le Vampire, nouvelle traduite de l'anglais de Lord Byron*, edição Chaumerot Jeune, Paris, 1819. Não há dúvida que o pai do personagem literário, com todas suas peculiaridades e aparência exterior como é conhecido hoje, é Polidori. Filho de Gaetano Polidori, John William fez sensação no seu tempo ao graduar-se em Medicina, em Edimburgo, aos 20 anos de idade. Pai e filho foram secretários de homens célebres que

não toleravam manifestações de gênios por parte dos subordinados. Nas suas memórias, Gaetano falou sobre o seu patrão, Vittorio Alfieri, que teria dito: “Em minha casa, só uma pessoa pode escrever poemas e esse sou eu”.

Gaetano deixou a Itália e estabeleceu-se na Inglaterra onde casou com uma inglesa com quem teve dois filhos: John William e uma filha que viria a ser a mãe do pintor Dante-Gabrielli Rossetti. Em 1816, o poeta Byron procurava um médico para acompanhá-lo na sua viagem pela Europa. O jeito juvenil e teimoso de John Polidori atraiu o escritor que o contratou depois de se conhecerem em um bar de Londres. O jovem médico tinha ambições literárias e pensava que pudesse cultivar sua criatividade convivendo com o grande poeta inglês. Durante a viagem pela Europa, Byron, entretanto, manteve-se de mau humor e apenas interessava-se pelas criadas dos hotéis onde se hospedavam.

Em 15 de junho de 1816, na villa Diodatti, em Gênova, os dois estavam hospedados numa mansão ao lado do poeta Shelley e sua mulher e mais Claire Clairmond, Hobbhouse, Scrope Davis e Pellegrino Rossi. Na noite daquela data, o grupo ficou preso em casa devido a uma tempestade. Todos estavam aborrecidos e para passar o tempo, Byron começou a ler uma coletânea de contos macabros alemães intitulada *Phantasmagoria*. Entusiasmado, propôs a todos que improvisassem contos de terror ou histórias de fantasmas. Daquela noite, apenas duas obras passaram para a posteridade: Mary Shelley, que tomou o desafio mais a sério, escreveu *Frankenstein*, enquanto Polidori esboçou a história da viagem de dois amigos, talvez semelhante à que ele próprio e Byron faziam naquele momento:

Dois amigos viajavam da Inglaterra para a Grécia; lá, um dos dois morreu, tirando do amigo um juramento de silêncio acerca do mal que o afligia e o levou à morte. De volta à Inglaterra, anos depois, o sobrevivente percebeu, estarrecido, o antigo amigo circulando pelas ruas, e mais horrorizado ficou quando percebeu que o morto teria feito amor com a sua irmã.

Nem no esboço, nem nas primeiras páginas que foram escritas depois, há qualquer menção ao vampirismo. O processo de criação do restante do conto permanece na obscuridade. Não se pode precisar o papel de Byron no trabalho nem as razões pelas quais Polidori publicou-o três anos depois no *New Monthly Magazine* como se fosse de Byron. Este escreveu a seu editor Murray, em 1819: “É supérfluo dizer que não é meu.

Polidori pode fazer o que muito bem entender, mas gostaria que não me atribuisse as suas composições. Não creio que aqueles que me conhecem possam atribuir-me uma obra desse gênero”.

O escritor americano Edgar Allan Poe nunca escreveu uma verdadeira história sobre vampiros, embora sua morbidez o tenha tornado um mestre ao lidar com necrofilismo, retorno dos mortos e enterros prematuros. Nascido em Boston, no dia 19 de janeiro de 1809, era filho de Elizabeth Poe, uma talentosa atriz inglesa, e David Poe, um regular ator americano. Um ano mais tarde, abandonada pelo pai, a família mudou para Richmond. Em 18 de dezembro de 1811 Elizabeth morreu, ficando Poe aos cuidados do exportador de tabaco John Allan, que, apesar de não o adotar oficialmente, deu-lhe o sobrenome Allan, ficando Edgar Allan Poe. Entre os anos de 1815 e 1820, o jovem Poe freqüentou a Manor House School, em Stoke Newington, perto de Londres.

Voltando aos Estados Unidos, foi ajudado durante quatro anos pela Sra. Jane Stith Stanard, que teria sido a *Helen* de seu poema. Sua benfeitora morreu em 1824, época em que Poe dá início a um período frenético de produção poética. De fevereiro a dezembro de 1826, estudou na Universidade de Virginia, onde se destacou como bom aluno, porém devido às dívidas contraídas no jogo e como não quisesse saldá-las, não pode retornar aos estudos no ano seguinte, na mesma universidade. No período em que esteve na universidade, namorou Sarah Elmira Royster, que o abandonou e casou com outro depois que soube de suas dívidas de jogo.

Devido, ainda, a problemas de dívidas brigou com John Allan e alistou-se no exército sob o nome de Edgar Perry. Em 1830 conseguiu entrar para o seletor clube da Academia de West Point, de onde é expulso no ano seguinte por desobedecer a ordens dos superiores. Como civil, retorna para o estado de Baltimore e passa a morar com a tia, Virginia Clemm. Em 1833 ganha o prêmio de 50 dólares, num concurso realizado pelo jornal *Philadelphia Saturday Courier*, com o *Manuscrito encontrado numa garrafa*. Em Baltimore, no ano seguinte, Allan morre sem reconhecê-lo como filho adotivo nem deixando nenhuma herança. Assumiu a editoria do jornal *Southern Literary Messenger* no ano de 1835, em Richmond, e mais tarde casa-se com a prima Virginia Clemm, de apenas 13 anos de idade. Depois de publicar sua produção literária em vários jornais, Poe tornou-se jornalista *free lance*. Em 1844 mudou-se para Nova York onde assumiu a função de crítico e sub-editor do *New York Evening Mirror*. Tornou-se proprietário e editor, no ano seguinte, do *Broadway Journal*; publica *O*

Corvo, Contos, e O Corvo e outros poemas. Depois da falência do seu jornal, em 1846, Poe e a família mudam-se para uma cabana em Fordham, nos arredores de Nova York. A mulher, Virginia Clemm, de saúde frágil, morre no dia 30 de janeiro de 1847.

Sozinho novamente, Poe enamora-se ao mesmo tempo da poetisa Sarah Helen Whitman (a Helen, do segundo *To Helen*) e a Sra. Charles Richmond (de *Annie*). A Sra. Whitman inicialmente aceita, porém logo rompe o relacionamento devido ao fato de Poe encontrar-se constantemente embriagado. Para viver, Poe ministra palestras pelos Estados Unidos, incluindo *O Princípio Poético*, e publica *Eureka*. Em 1849, publica *Annabel Lee*; numa palestra em Richmond, encontra Sarah Royster Shelton, sua namorada de infância, agora uma viúva, e passa a viver com ela. Naquele mesmo ano, no dia 7 de outubro, Poe aparece morto numa das ruas de Baltimore, em circunstâncias nunca esclarecidas, envoltas de mistério como foi a sua atribulada (e curta) vida.

Ninguém foi mais perfeito na observação de detalhes na arte de produzir uma obra artística do que Edgar Allan Poe. Ele costumava dizer que a inspiração deveria estar presente no momento da criação, como afirmaram Platão e Shelley, mas se ocorresse apenas isso, a criação artística então seria ingênua e sem forma. Ela teria de ser trabalhada e esculpida até conseguir uma estrutura unificada que daria impacto. Ele disse: "Se a prática falhar, é porque a teoria é imperfeita". Vincent Buranelli, em *Edgar Allan Poe* (1961, pág. 25) assevera que:

Ele é um artista objetivo. Ele toma todas as suas fontes – a tradição romântica, outros escritores, relatos de feitos e crimes, episódios que ele tomou conhecimento em primeira mão, seus vãos imaginativos, seus nervos contraídos – e extraíndo os “átomos” de que precisa, age na direção de construir a estrutura de uma dada obra de arte.

Os críticos de Poe agrupam-se nas seguintes categorias: 1) os simples leitores; 2) os que se contentam em analisar e interpretar obras isoladas, sem tomar o escritor como um todo; 3) os que não gostam de Poe; 4) esta categoria é formada dos que analisam a obra de Poe pela visão psicanalítica – entre estes se situa D.H. Lawrence com seus *Studies in Classic American Literature*. 5) categoria formada pelos que gostam de Poe, mas acham que não deveriam gostar, como o crítico Allen Tate, que descreve Poe como a figura de transição na moderna literatura, porque descobriu o assunto da desintegração da personalidade humana; 6) são os que não gostam de Poe, mas o lêem por modismo, depois que certos escritores franceses e críticos, que admiravam Poe, o aplaudiram.

As idéias de Poe somente podem ser definidas depois de um exaustivo exame. Ele é meticoloso; seus poemas se originam dentro de seu ser e sugerem, numa primeira visão, certos temas. Em *Al Aaraf* o poeta canta sua teoria estética de que o artista revela a verdade através da Beleza. *To Helen* mostra como um artista perdido num mundo de paixões é trazido à realidade poética pela beleza de uma mulher. Em *Israfel* Poe diz ao leitor que neste mundo imperfeito o artista somente poderá abordar a verdade através da Beleza. *The Sleeper* e *The city in the sea* são exemplos da crença de que os mortos repousam em paz apenas durante o período em que os amigos os recordam e choram por eles.

A principal característica em quase todas as suas criações é a presença do horror e do terror. Para imaginar melhor a estrutura de suas histórias, Poe ressuscitou a tradição do Conto Gótico, dando-lhe forma no interior do mundo de seus personagens. Suas heroínas se assemelham, uma mistura da mãe e da esposa, enquanto os homens são completamente diferentes. O narrador de *O Gato Preto* não pode ser comparado, por exemplo, com o de *O Barril de Amontillado*. Com o gótico, Poe manipula morte, doença, loucura, desintegração de personalidade e a morte de mulheres frágeis.

Entre suas habilidades destacam-se as aberturas e os fechos de seus contos, como na abertura do conto *O Barril de Amontillado*: “Suportara eu, enquanto possível, as mil ofensas de Fortunato, mas quando se aventurou ele a insultar-me, jurei me vingar. Vós que tão bem conheceis a natureza de minha alma, não haveis de supor, porém, que proferi alguma ameaça”; ou o fecho do conto *O Gato Preto*:

Loucura seria falar de meus próprios pensamentos. Desfalecendo, recuei até a parede oposta. Durante um minuto o grupo que se achava na escada ficou imóvel, no paroxismo do medo e do pavor. Logo depois uma dúzia de braços robustos se atarefava em desmanchar a parede. Ela caiu inteiriça. O cadáver, já grandemente decomposto e manchado de coágulos de sangue, erguia-se, ereto, aos olhos dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e o olho solitário chispante, estava assentado o horrendo animal, cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora me havia apontado ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro no túmulo.

Poe fez uso do terror psicológico; seus personagens oscilam entre a lucidez e a loucura (atos infames ou doença) e são narrados na primeira pessoa. Outra habilidade notável em Edgar Allan Poe é a capacidade de extrair das palavras uma musicalidade que impregna seus poemas e cujo exemplo maior é a repetição do *nevermore*, no final

dos versos de O Corvo (*The Raven*): “E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura/Com o solene decoro de seus ares rituais./Tens o aspecto tosquiado, disse eu, mas de nobre e ousado,/Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!/Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais./ Disse o corvo, Nunca mais.”

Em 1856, sete anos após a morte de Poe, Charles Baudelaire escreveu para o amigo Saint-Beuve uma carta contendo apreciação crítica sobre um poema de Poe que acabara de ler: “Edgar Poe, que não é considerado excepcional na América, deverá se tornar um grande homem na França – pelo menos é isto que eu desejo.” O poeta francês devotou 16 anos de sua vida ao estudo de Poe e foi só quando um surto de paralisia o abalou em 1866 que Baudelaire diminuiu a atração que dominou a maior parte de sua vida madura. Cerca de cinco dos 12 volumes dos trabalhos de Baudelaire na definitiva *Crépet Edition* são traduções de obras de Poe.

Referências

- BLAVATSKI, H.P. *A doutrina mística – narrações ocultistas*. São Paulo, Hemmus, 1981.
- BORGES, Jorge Luis & GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Editora Globo, São Paulo, 1974.
- BURANELLI, Vincent. *Edgar Allan Poe*. New Haven, Conn., College&University Press, 1961.
- BURGESS, Anthony. *English Literature*. London, Logman, 1974.
- COELHO, Paulo e LIANO Jr. *Manual prático do vampirismo*. Rio de Janeiro, Editora Eco, sd.
- COPPER, Basil. *The vampire – in legend, in fact and art*. Seacaucus, New Jersey, The Citadel Press, 1974.
- FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.
- Histórias de vampiros*. Lisboa, Portugal, Editorial Estampa, 1974.
- MELTON, J.Gordon. *O Livro dos vampiros – a enciclopédia dos mortos-vivos*. São Paulo, M.Books do Brasil Editora, 2003.
- PIRES, J.Herculano. *Vampirismo*. Editora Paidéia, São Paulo, 1980.
- POE, Edgar Allan. *Selected prose and poetry of Poe*. Ed T.O.Mabbot. Nova York, The Modern Library, 1951.
- _____. *Contos de Terror, de mistério e de morte*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1931.

SICUTERI, Roberto. *Lilith, a lua negra*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

STOKER, Bram. *Drácula - o vampiro da noite*. Editora Martin Claret, São Paulo, 2002.

TORRIGO, Marcos. *Vampiros – rituais de sangue*. Madras Editora, São Paulo, 2002.